

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

O Sexo dos Anjos (crónicas)
Relógio d'Água, 1991

O Fio Invisível (psicoterapia)
Relógio d'Água, 1992

Domingos, Sábados e Outros Dias (ensaios)
Relógio d'Água, 1993

Muros (romance)
Bertrand, 1995

Educação Sexual na Escola (sexologia)
Universidade Aberta, 1996

Conversas no Papel (crónicas)
Relógio d'Água, 1997

Estilhaços (crónicas)
Relógio d'Água, 2000

Estes Díficeis Amores (contos e crónicas)
Dom Quixote, 2002

Júlio Machado Vaz

Estes Díficeis Amores

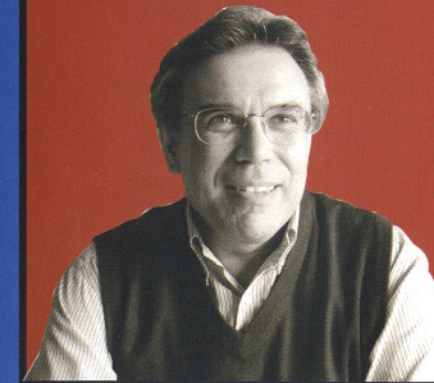
Edição Publicações Dom Quixote
Colecção Biblioteca Dom Quixote

"(...) *Eis-nos aqui. Domingo ao sol, passeio junto ao mar, esses olhos azuis que o desejo nublava fitam-me transparentes, agressivos de tão risonhos, «como estás?». Como estou? E tu que achas, vendo-te assim acompanhada? Ele tem bom aspecto, sorriso franco, nada indica o ciúme da paixão mal resolvida da tua parte; sente-se seguro. Esqueceste-me. Pior!, já és minha amiga. Pronto, querida, vou ser politicamente correcto, «bem». O tempo, o amigo comum que encontraste e me acha cansado, a etiqueta, «este é o ...». Que interessa o nome?, é o teu homem, «muito prazer». Ele sorri, sabe que não sinto a frase, mas compreende, afinal sou o tipo que perdeu a mulher que ele não dispensa, «muito prazer». Um silêncio constrangido entre os dois que resolveu com à-vontade, «foi bom ver-te». Era necessário humilhar-me tanto? Uma vontade imensa de te abanar – «sou eu, lembras-te?, tinhas a certeza que era o amor da tua vida...» – acorda!, ainda podemos... Os dois afastando-se, o braço dele sobre os teus ombros, o segredo ao ouvido e esse cabelo, onde me perdia, volteando ao ritmo da gargalhada. Serias incapaz da chacota a meu respeito, é outra a razão simples e infernal – estás feliz. E uma parte de mim, ainda tímida, quase clandestina, deixa cair os braços e reconhece derrota e culpa, fica grata pelo que me deste e murmura um «boa sorte» que todo o resto do que sou fita horrorizado. Será isto, finalmente, o amor?"*

Próxima Sessão:
Leonardo Ralha
(15 de Fevereiro)

CONVERSAS
COM A
Escrita

ESTES DIFÍCEIS AMORES



Júlio Machado Vaz

1 de Fevereiro 2003 • 16.00h

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
Câmara Municipal do Seixal
Publicações Dom Quixote



NOTA BIOGRÁFICA

Júlio Machado Vaz nasceu no Porto a 16 de Outubro de 1949, cidade onde passou a sua infância e juventude, e ainda hoje reside, e pela qual nutre um correspondido romance de amor e persistente encantamento. Segundo o próprio confessa, a única infidelidade à Invicta é um caso conhecido que, desde a infância, mantém com um clube de futebol da capital, e que atribui à influência de sua mãe, a atriz Maria Clara, uma lisboeta rendida aos encantos do Porto. Foi na Universidade do Porto que Júlio Machado Vaz se licenciou em Medicina e Cirurgia e fez o seu doutoramento em Psicologia Médica no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar com uma tese sobre o ensino da sexologia.

A nível profissional, o psiquiatra Júlio Machado Vaz desenvolveu actividade como assistente de Genética Humana e Psicologia Médica, respectivamente na Faculdade de Medicina do Porto e no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, instituição onde também foi responsável pelo Curso de Sexualidade Humana. Foi director do serviço de consulta de sexologia clínica no Hospital Magalhães Lemos e organizou e dirigiu o Curso de Formação de Sexologia Clínica. Foi ainda coordenador da comissão instaladora do Centro de Apoio a Toxicodependentes da Cedofeita. Actualmente, Júlio Machado Vaz é professor no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, regendo, desde 1991, a cadeira de Antropologia Médica e é Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica.

Para além deste percurso clínico e académico, foram essencialmente dois projectos de comunicação, *O Sexo dos Anjos*, que durante oito anos conduziu aos microfones da Rádio Nova, e o programa *Sexualidades* que apresentou na RTP, que tornaram o Professor Júlio Machado Vaz uma personalidade reconhecida junto do grande público que, desde então, passou a associar o seu nome à abordagem das questões da sexologia em Portugal, às quais conferiu uma naturalidade e visibilidade inusitadas. Júlio Machado Vaz tem ainda regularmente assegurada a sua colaboração como cronista em vários jornais e editado uma obra que se estende dos estudos científicos e de divulgação, ao ensaio sobre temas de psicoterapia e sexologia, e à ficção. O seu primeiro romance,

Muros, foi publicado em 1995, tendo, desde 1991, dado início à edição de colectâneas das suas crónicas e pequenos contos, como é o caso de *Estes Díficeis Amores*, a sua mais recente obra.

Crónicas, pequenos contos, reflexões, articulam-se neste livro em torno de três grupos que titulou de: *Estes díficeis amores*, *Tribo* e *Um psi olhando o mundo*. O primeiro agrupa os escritos sobre amores e desamores. *Tribo* congrega os relatos sobre as origens familiares e geográficas e a radicalidade dos laços de pertença e solidariedade que geram. Assumindo um registo pessoal, expõe memórias fundadoras da sua infância e juventude: as figuras tutelares dos pais, as perdas e os afectos das pessoas queridas, as recordações de mestres e amigos e a vivência do Porto e de outras cidades. Partilha também com o leitor a passagem de testemunho a seu neto, a forma de transmissão e continuidade da sua própria herança cultural e emocional, que o escrito *À falta de ouro, incenso e mirra* regista, consciente de, em termos pessoais e geracionais, não existir presente e futuro sem o passado, talvez porque o que melhor conhecemos seja aquilo por que já passámos e cujos limites podemos descobrir.

Os textos de *Um psi olhando o mundo* projectam a translação do seu olhar atento do indivíduo para a sociedade, apresentando-nos a sua particular perspectiva sobre os acontecimentos que vão pontuando os nossos dias. A política, temas sociais, aspectos emergentes da sociedade do espectáculo, a inevitável televisão, o pulsar da cidade e as relações interpessoais, são objecto, quer da sua reflexão crítica quer da sua adesão, por vezes relutante, trazendo-nos à lembrança um pensamento de Abel Salazar: *um médico que só sabe medicina nem médico é*.

Estes Díficeis Amores centram-se em contos e crónicas de situações amorosas, apresentados, quer na perspectiva do feminino quer do masculino e no cruzamento de visões subjectivas, como no conto *Triângulo*. Estes relatos de ocultamento e fugaz revelação, oriundos de territórios obscuros, transmitem-nos uma sensação de (re)conhecimento, por vezes de identificação,

talvez porque para além da diversidade de cada caso existam, nos relacionamentos amorosos, um conjunto de constantes em que podemos reconhecer expectativas, mecanismos de conflito e reconciliação e também a dor que o fim do amor ou o desaparecimento do ser amado provoca. Mas esse reconhecimento não nos liberta nem da memória, nem da persistente procura de ilusão no próximo amor, a *fatiazinha de transcendência* que, segundo Machado Vaz, todos buscamos, apesar da suspeita da provável finitude e do contraditório que encerra: o sentimento de amor, que aspira a ser uma relação intersubjectiva e vocação universal, é sempre pessoal. No amor vive algo de solitário e incomunicável em toda a sua dimensão. No limite, é intangível e indizível, como tão bem exprime a sucessiva interrogação da personagem de um destes contos: *será isto o amor?*

Na sequência da decepção amorosa, uma incógnita persiste: Porque se recomeça uma e outra vez? Será porque nunca perdemos completamente a esperança de ser, o próximo, o *verdadeiro amor* e poder estar além dos obstáculos e da morte que todos os amores sujeita? Porque buscamos no amor uma forma de conhecimento de nós próprios? Por os amantes, mais do que amarem-se *o que eles amam é o amor, é o próprio facto de amar?* Talvez seja, como Júlio Machado Vaz pensa, por a paixão nos fazer felizes *porque nos distrai de nós próprios e faz acreditar que a resposta para as angústias interiores reside no outro*.

É no outro que, ingénua ou filosoficamente, projectamos uma parte significativa de um dos designios da nossa finalidade comum: a busca da felicidade e a projecção de identidade. E sem a memória do amor e dos momentos felizes, tudo o que do amor nos é dado guardar, dificilmente suportamos o sofrimento pela perda de alguém que amamos, seja a insuperável tragédia da morte de um filho (como no conto *Da raiva e outras defesas*), seja a da morte do amante (*Um crepúsculo no regaço*). Aqui é o amor, e a sua memória, que permite enfrentar solidariamente a adversidade e aceitar a partida do outro: *quem gosta como eu, não receia o escuro*, mesmo quando tudo é, e pedindo de empréstimo uns versos a Eduarda Chiote, *triste como o escuro / quando o escuro começa a ficar escuro / quando o escuro começa a ficar / triste*. Não será isto, finalmente, a força dos amores díficeis?